

EDITORIAL

Creio que há duas circunstâncias significativas para medir-se o caráter das pessoas e das instituições: os momentos de grande euforia e os momentos de crise. Naqueles, porque a alegria por realizações alcançadas (casamentos, festas nacionais, vitórias políticas, militares e esportivas, ganhos extraordinários) amortecem as tensões do processo de conquista e funcionam como analgésicos para as dores. E todos se congratulam, sendo que os vitoriosos conclamam os vencidos ao esquecimento, independentemente das marcas deixadas pelas lutas. Aqui, somente os sensatos costumam avaliar a euforia como instante. Sabendo-a instante, não se deixam enlevar pelo canto da eternidade. Gozam o momento mas se previnem com a convicção de sua provisoriedade.

E nos momentos de crise, também o caráter das pessoas é ressaltado, pois é quando deparamos com aqueles que se igualam na superficialidade da análise do momento bem como das receitas para sua superação. Identificam a crise com o primeiro obstáculo à sua frente, com a primeira dificuldade que não conseguem compreender ou com o mais frágil adversário que enfrentam. É interessante ouvir e atentar para as falas dos governantes sobre a crise brasileira. As análises são superficiais e as propostas de superação são as mais banais.

Na Idade Média as coisas eram mais simples: identificava-se uma mulher pactuada com os demônios, atribuía-se-lhe a responsabilidade pela "bruxaria" e, a partir dessa identificação, era suficiente exorcizar a ira de Deus, através do fogo purificador. Hoje em dia, no estágio de civilização em que nos encontramos, não se pode apelar simplesmente para fogueiras materiais. Criam-se por isso as fogueiras culturais, políticas, ideológicas, financeiras. O importante é purificar a sociedade do mal. E qual o mal do Brasil hoje? O déficit público, as dificuldades de caixa, o gasto excessivo do governo, a inflação. E aí se postam os modernos sacerdotes à busca da "bruxa moderna" para ser queimada na fogueira e assim apagar a ira dos deuses da economia, já que este é o único ídolo imune aos iconoclastas da modernidade. Em nome de valores espirituais e cristãos do mundo ocidental, tudo que era sagrado já foi profanado mantendo-se intocado apenas o deus da economia com seu séquito de anjos e arcanjos: o over, o open, a taxa de câmbio, a bolsa de valores, os lucros, os juros, a produção, a balança comercial, o balanço de pagamentos, o tesouro, a OTN, o dólar. . .

Uma das bruxas preferidas pela burocracia estatal no Brasil de hoje é a Universidade. Eis aí a responsável por todos os males. . . logo, liquídemos-la, e a suas ações: a pesquisa, a ciência, a educação superior, a escola de doutores, as publicações de livros e revistas, a produção cultural. O País, assim, estará salvo – quem sabe? – da inflação e da dívida interna e externa. A ira dos deuses será aplacada.

Isso nos produz um profundo sentimento de desolação.

Muitos de nossos governantes nasceram como pelo menos oitocentos anos de atraso. E já naqueles tempos seriam considerados atrasados e primitivos pelos espíritos mais lúcidos da Idade Média.

O Editor